Paris sem o povo: A gentrificação da capital, de Anne Clerval

[CLERVAL, Anne. Paris sans le peuple: la gentrification de la capitale. Paris: La Découverte, 2013, 254 p.]

Eloísa Dias Gonçalves¹

Que lugar Paris deixa para as classes populares? Qual o papel dos investidores privados no processo de aburguesamento da cidade? E as recentes políticas públicas dos governos de esquerda, conseguiram frear esse processo? Essas são algumas das questões que norteiam o livro de Anne Clerval, lançado em 2013, ainda sem edição em português.

Anne Clerval é geógrafa e professora da Universidade Paris-Est Marne-la-Vallée. Fez sua tese de doutorado sobre a gentrificação de Paris na Universidade Paris-1 Panthéon Sorbonne. O seu trabalho se inspira na geografia radical e, sobretudo, nos trabalhos de Neil Smith, que se debruçou sobre o processo de gentrificação de Nova Iorque, retomando o conceito desenvolvido em 1964 pela socióloga inglesa marxista Ruth Glass.

“Pode-se ler a gentrificação como o processo pelo qual o espaço urbano central é adaptado ao estado atual das relações sociais. Essa adaptação não acontece por si mesma e envolve diversos atores. Ela é também uma forma de violência social, de espoliação das classes populares.” (p. 11).

Em Paris, o processo de gentrificação, com a expulsão das classes populares da cidade, torna-se visível apenas a partir dos anos 1990. Para compreendê-lo de forma global, uma vez que já havia alguns

1 Mestre em Direitos Humanos e Democracia pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Pro Polis (UFPR) e do Instituto de Pesquisa Direitos e Movimentos Sociais (IPDMS).

estudos sobre locais parisienses específicos, Clerval propõe uma análise política investigando as causas dessas dinâmicas espaciais.

A metodologia utilizada envolveu a análise estatística dos dados do recenseamento de Paris de 1982 a 2008, além da realização de entrevistas com moradores de três bairros da capital francesa que se encontravam em diferentes estágios de gentrificação, entre 2004 e 2007.

O livro se divide em três partes. Na primeira, o foco é a história e os fatores da gentrificação em Paris. Clerval destaca a relação entre os processos de reestruturação produtiva e desindustrialização da capital francesa na segunda metade do século XX, associados ao neoliberalismo e à globalização. A metropolização nos países dominantes economicamente é um dos resultados dessa nova conjuntura econômica e política.

Essas transformações impactam o espaço urbano porque há uma reconfiguração da divisão do trabalho e, portanto, daqueles que vivem nas metrópoles. Aliado a isso, a geógrafa não deixa de apontar o papel que o aumento dos aluguéis e do custo de vida tem na expulsão das classes populares de Paris, razão pela qual destaca que a questão da moradia é central para a compreensão do processo de gentrificação.

Finalizando a primeira parte, analisa o papel ambíguo das políticas públicas, sobretudo as de renovação urbana, que se concentraram nos locais em que predominavam operários e imigrantes. O conceito de “rent gap”, de Neil Smith, ajuda a compreender o papel dessas políticas, que permitem criar uma distância lucrativa entre a rentabilidade real e potencial de uma localidade, tornando-a atrativa para a reabilitação e, por consequência, seu aburguesamento.

Após o resgate histórico dos fatores que favoreceram o processo de gentrificação, a segunda parte é dedicada à geografia desse processo, ou seja, ao estudo de suas dinâmicas espaciais. A análise da evolução da divisão social dos bairros parisienses confirma a diminuição dos espaços populares, que se concentravam no norte e no leste da cidade, com impacto nas cidades limítrofes.

Clerval destaca que uma das características da gentrificação em Paris é que ela não decorre, em geral, de ações públicas, mas da

instalação de novos moradores, com perfil socioeconômico mais elevado, em bairros tradicionalmente populares.

Os novos moradores – em geral, artistas ou profissionais culturais – aproveitam o baixo preço dos imóveis, devido ao seu estado de degradação, para reabilitá-los, valorizando-os, já que são bem localizados. Além dos artistas, a modificação do perfil dos comércios nessas regiões desenvolve um importante papel, despertando o interesse das agências imobiliárias, que passam a investir na área, acelerando a gentrificação.

O foco da terceira parte do livro é os bairros populares em via de gentrificação, nos quais a autora realizou as entrevistas. Nesses locais, primeiramente há um aumento da diversidade social, com a chegada dos novos moradores. Todavia, a tendência é que, como tempo, haja uma mudança do perfil do bairro, com a expulsão das classes populares.

Essa diversidade que caracteriza o início do processo de gentrificação é favorecida, na França, pelo discurso da “mistura social” (*mixité sociale*), constantemente invocado pelas autoridades públicas e pelos particulares como resposta aos processos de segregação territorial e de guetoização. Todavia, esse discurso esconde as relações de classe e de raça envolvidas.

Ademais, a mistura social verificada nesses bairros não é mais do que a justaposição das diferentes famílias, sem que haja uma real interação entre elas. Exemplo disso é que as famílias gentrificadoras, como regra, não escolhem as mesmas escolas para seus filhos que aquelas das classes mais populares. Assim, a mistura social teria um “efeito-paisagem”.

Em 2001, assume a prefeitura de Paris um governo de esquerda, que retoma a construção de moradia de interesse social, mas como medida para favorecer a mistura social, e não como forma de luta contra o aburguesamento da cidade. Clerval questiona os efeitos dessa política, apontando que ela, quando muito, permite melhorar as condições de habitação de parte da população, sem atingir as causas que impedem a manutenção das classes populares na cidade. Essa política urbana torna-se um mecanismo de “pacificação social” que não questiona as origens das relações de dominação que estão envolvidas no processo.

Além do mais, a mistura social é frequentemente utilizada para justificar a construção de moradias para as classes médias, o que contribui para o processo de gentrificação dos bairros populares. A partir disso, a geógrafa destaca os efeitos perversos da idealização do bairro como escala na qual se deve analisar a mistura social. “Querendo favorecer a mistura social em todos os bairros de Paris, sem levar em conta o processo de gentrificação, a prefeitura contribui, de fato, à redução da mistura social na escala da cidade.” (p. 198).

A crítica incisiva e bem fundamentada à política urbana desenvolvida pelo governo parisiense permite a compreensão da complexidade do processo de urbanização e de gentrificação, além de contribuir para a reflexão sobre as consequências de uma política habitacional que não dialoga com outros fatores.

Tendo em vista as peculiaridades da realidade brasileira em relação à parisiense, a principal contribuição da obra de Anne Clerval está na metodologia de análise do processo de urbanização e gentrificação, que considera os diversos elementos que nele interferem: das políticas públicas até os deslocamentos voluntários dos particulares, passando pelas alterações econômicas mundiais, pela regulação do processo dos aluguéis. Além disso, a geógrafa aborda de que forma as questões de gênero, raça e classe se relacionam nesse processo.

Tendo como marco teórico os trabalhos de Neil Smith, David Harvey, Henri Lefebvre e diversos sociólogos e geógrafos franceses, o livro traz um grande arcabouço teórico que pode ser utilizado para a compreensão da urbanização brasileira, sem desconsiderar nossas especificidades. Além do mais, a combinação de diversos instrumentos de pesquisa – cartografia, análise estatística de dados, realização de entrevistas – revela a necessidade de aprofundamento da análise do fenômeno da gentrificação para que seja possível compreender a sua complexidade.